

BRASIL, DE BOSI A BOZO

Edmílson Caminha

“Meu Deus, não posso perder esse título!” Penso no Brasil dos últimos cem anos, e duas frases me ocorrem. A primeira, com a lucidez aguda de Nelson Rodrigues: “Subdesenvolvimento não se improvisa, é obra de séculos”; a outra, com o cinismo irônico de Delfim Netto: “Estamos passando por um século muito difícil...”, como se não fosse ele corresponsável pelo que ainda hoje nos faz sofrer o golpe de 1964. À legião de brasileiros que pagam com a vida a fúria de insanos e a estupidez de seguidores, soma-se, agora, o nome do Professor Alfredo Bosi, vitimado aos 84 anos pelo mal que o messianismo demente agravou em peste bíblica, maldição do Velho Testamento. Poderia chamá-lo de escritor, crítico literário, acadêmico, que ele também o foi com distinção e brilho, mas propositadamente o homenageio com a honra de Professor, para que a nobreza do título soe como ofensa aos poderosos alheios à educação e indiferentes à cultura.

Ao receber, em 2009, o título de Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, o intelectual ilustre lembra os pais – a costureira Teresa, que se deliciava com os romances de folhetim, e o ferroviário Alfredo, que sabia de cor passagens da *Divina Comédia* –, de quem herdou a paixão pela boa literatura, a poesia, especialmente, como prova um caderno de que nunca se desfez, em que, moço, copiava poemas de Camões, Sá de Miranda, Gonçalves Dias, Castro Alves, Olavo Bilac, Raimundo Correia, Alphonsus de Guimaraens e Vicente de Carvalho:

Começou assim pela poesia minha educação sentimental e provavelmente também a intuição de que o professor de Letras precisa amar a palavra poética, e que só conseguirá transmitir esse amor lendo em voz alta para os seus alunos. Não fazê-lo seria como querer ensinar música sem ouvir e produzir a magia do som. As ideias virão depois, os conceitos não devem preceder as imagens (...)

Assim, naturalmente, tornou-se modelo para jovens depois consagrados no magistério ou no exercício da criação literária, como Antonio Carlos Secchin, Alcides Villaça e Marilene Felinto, escritora que o evoca em belo artigo na *Folha de S. Paulo*:

De uma aula sobre Machado de Assis, ou de outra sobre Lima Barreto, saí pasma com tanta clareza, com o tanto de coisas que eu não sabia e fiquei sabendo, não só sobre Machado e Barreto, mas sobre a história do país e da vida – da minha própria vida. Assim são os grandes professores. Sua “História Concisa da Literatura Brasileira”, já na 50ª edição, segue como meu manual de cabeceira.

Homem que foi da teoria à prática, do pensamento à ação, Alfredo Bosi inscreve-se na linhagem a que pertencem Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Celso Furtado e Antonio Candido. Cumprido um ano de estudos na Itália, volta ao Brasil em meio à instabilidade política que levará à queda de Jango em 1964, como lembra ao discursar na USP:

Veio o golpe, veio a ditadura com seus atos institucionais, vieram as cassações de alguns de nossos colegas mais ilustres e ativos. Os que ficaram resistiram como puderam na semiclandestinidadade das salas de aula, dos renovados estudos sobre a sociedade brasileira, das primeiras comunidades de base formadas no fim dos anos 60, e cuja lembrança me transporta para reuniões em Vila Yolanda, Osasco, com a presença de um padre-operário, Domingos Barbé, figura luminosa que desejo agora evocar com veneração. Lendo *Vidas Secas* com jovens daquela comunidade, percebi que estava conversando com os filhos de Fabiano e Sinhá Vitória...

Observe-se que Bosi não lê a história de Graciliano “para” os presentes, mas “com” eles; não lhes “dá aula”, no sentido tradicional da expressão, mas participa com o grupo de uma animada e prazerosa “conversa”. Porque assim se devem relacionar professores e alunos: como companheiros da fascinante aventura intelectual em que trocam experiências, repartem descobertas e partilham saberes. Essa, a comunhão pedagógica de que participou Marilene Felinto:

Enquanto aluna sua, ele se dirigiu a mim pessoalmente duas únicas vezes. A primeira, ao me devolver o trabalho de fim de semestre em sua disciplina, em que analisei o papel das empregadas domésticas na obra de Clarice Lispector. Daquele seu ar que parecia grave ao falar, me disse, um tanto tocado, o quanto minha abordagem era singular ou especialmente importante. (...) Reconheci naquele momento a erudição generosa do professor, sua gentileza no trato com aquele bando de jovens ignorantes no qual eu me incluía.

Das muitas fotos com que órgãos de imprensa lhe ilustraram o necrológio, escolho uma: Alfredo Bosi e o amigo Antonio Candido a sorrir, sentados não à mesa diretora de alguma solenidade acadêmica, mas em carteiras escolares, como se estudantes fossem. E eram: ao longo de toda a vida, leram com a inquietude de adolescentes, pesquisaram com a disposição de jovens aprendizes, buscaram o conhecimento com o prazer dos que se dessedentam na fonte.

“Levar este país à dignidade só pode ser pela esquerda”, afirmou, acredite-se, o *playboy* Jorginho Guinle, com a experiência de quem nunca trabalhara na vida. Como ninguém lhe seguiu o sábio conselho, de Bosi a Bozo o Brasil piorou muito. Da época em que o pensamento crítico, a reflexão substanciosa e o debate honesto nos faziam confiantes em um futuro melhor, mais justo e mais digno, mergulhamos no pesadelo que, imaginado por um escritor, seria ficção delirante, “mistura de Gabriel García Márquez com Franz Kafka”, no dizer do publicitário Washington Olivetto, um país que “banaliza o absurdo”, para o teatrólogo Dias Gomes. Entre as personagens que o povoam, um presidente que faz Odorico Paraguaçu parecer equilibrado; um estranho ministro da Educação para quem Kafka é “Cafta”, e “acepipes” sinônimo de “asseclas”; outro, do Meio Ambiente, defensor de madeiras e garimpos; um ex-chanceler pródigo em arengas diplomáticas; um general ministro da Saúde impreciso ao ponto de falar em “cerca de cinco a oito milhões de doses da vacina”, como se a diferença fosse pouca; um presidente, negro, de uma fundação da cultura negra, que fala mal... dos negros; um ministro da Economia para quem livro é luxo de brasileiro rico, e portanto, deve ser mais caro... Prova de que Lima Barreto, aquele do *Triste fim de Policarpo*

Quaresma, tem toda a razão: “O que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice, meu caro.”